

William de Goés Ribeiro¹

REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA MULTICULTURAL NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: POTENCIAIS E DESAFIOS

*Reflections about The Multicultural Research in The Preparation of Physical Education
Teacher: Potential and Challenges*

Resumo: O presente artigo discute possibilidades de articulação da dimensão da pesquisa multicultural na perspectiva do professor de Educação Física, analisando implicações para o ensino na escola. O objetivo foi pensar como a epistemologia multicultural pode contribuir na identidade de maneira positiva. Seu eixo principal da interrogação está na dualidade diferença-igualdade na luta contra preconceitos e estereótipos. A pesquisa indica limites e potenciais nas mudanças curriculares numa perspectiva multicultural crítica. Contudo, a prática monocultural é um problema educacional e social que tem raízes históricas. Concluo que é possível pensar um ângulo multicultural na Educação Física. Nesse ponto de vista, uma pista pode ser o papel da pesquisa na Formação do Professor de Educação Física e no currículo.

Palavras-chave: Educação Física. Multiculturalismo. Epistemologia multicultural. Formação do Professor. Currículo.

Abstract: *The present article discusses possibilities interconnecting research dimension multicultural and a perspective Physical Education teacher, analyses implications of teaching in the school. The aim was to think how the multicultural epistemology can contribute to the construction of identity in a positive manner. Its main axis of interrogation is the duality difference-equality and the fight against prejudices and stereotypes. The research indicates limits and potentials in the curriculum challenges in a critical multicultural perspective. However, the monocultural practice is an educational and social problem, which has historical roots. Thus, ended up that is possible think about one multicultural angle in the Physical Education. In the view, one the scent can be in the role of research in physical Education Teacher formation and in the curriculum.*

¹ Professor de Educação Física / Mestre em Educação – PPGE UFRJ

Keywords: *Physical Education; Multiculturalism; Multicultural epistemology; Teacher's training; curriculum.*

“O multiculturalismo enquanto movimento de idéias resulta de um tipo de consciência coletiva, para a qual as orientações do agir humano se oporiam a toda forma de ‘centrismos’ culturais, ou seja, de etnocentrismos”.

Gonçalves e Silva

INTRODUÇÃO

O multiculturalismo pode ser entendido como um corpo teórico, prático e político resultado das diversas lutas advindas de grupos que, de alguma forma, se sentiram prejudicados na dinâmica das relações sociais. Por outro ângulo, também pode ser compreendido como um conjunto de respostas, mesmo que provisórias, a questões que se relacionam à identidade e ao conjunto de mecanismos que tendem a confinar em um lugar dos “diferentes” determinados grupos historicamente marginalizados. Incluem-se, nessa discussão, raça, etnia, gênero, sexualidade, religião, características físicas, e demais marcadores identitários que contribuem para a construção de tradições indesejáveis do ponto de vista multicultural. Assim, amparamo-nos em uma ética multicultural, ao pensar educação e sociedade, em que o desafio a preconceitos, discriminações, *bullying*, estereótipos e demais injustiças sociais são vistos como um imperativo desafiador para um novo milênio (McLAREN, 2000; CANEN, 2007; CANDAU, 2008).

Nesse sentido, acompanhei os dados salientados por Oliveira e Silva, Janoario e Canen (2007), publicados na presente revista, em que revela a quase escassez de trabalhos que relacionam a formação do professor de Educação Física numa perspectiva multicultural, evidenciando uma grande lacuna na produção científica da área. O estudo referido buscou, através da análise documental e de conteúdo, analisar a produção, dessa temática, a partir do endereço eletrônico da CAPES, órgão de expressão das publicações de teses e dissertações, ao nível profissionalizante, mestrado e doutorado. Partindo do entendimento, coadunado por mim, de que a Educação Física escolar é um espaço-tempo privilegiado para o desafio do multiculturalismo e de que, por outro ângulo, ela vem sendo

alvo de desejos hegemônicos em termos de excessiva competitividade, os referidos autores realizaram suas análises. Primeiramente, o campo da Educação Física possui especificidades na escola, especialmente, quando o corpo se liberta das carteiras escolares. Outra dimensão se refere ao fato da mesma lidar com as emoções, tais como medo, ansiedade, desejos, auto-estima etc. que, não raro, nenhuma outra opção do currículo atinge com essa plenitude.

A partir disso, há pelo menos três ordens de fatores que tornam a temática multicultural um imperativo contemporâneo para diversas áreas do conhecimento e campos científicos: destaco as alterações que as sociedades atuais vêm sofrendo em decorrência de circunstâncias em que o projeto da modernidade encontra-se enfraquecido e, muitas vezes, desacreditado. Numa segunda ordem, encontram-se as mudanças nas leis, muitas em decorrência das lutas advindas dos movimentos sociais, no sentido de promover alterações em instâncias vistas como monoculturais, inclusive, a escola, já que estas não oferecem, de maneira satisfatória, atendimento adequado a determinados grupos, tomando como base um pensamento único, pretensamente universalista. Por fim, uma terceira gama de fatores envolve um quadro resistente e extremamente complexo das sociedades, inclusive a nossa, concernente à intolerância cultural - guiada por sentimentos destrutivos e amparada por um olhar estanco para a cútis, raça, gênero, sexualidade, religião, dentre outros marcadores identitários.

Nesse horizonte de preocupações, há que se mencionar, refletir, analisar e debater o papel da educação, assim como o lugar que ela ocupada nas mazelas em que muitas vezes o diálogo não se faz ou não é desejado, incorrendo riscos de retrocessos, tais como segregações e guetos culturais. Em especial, há que se refletir em que medida a Educação Física escolar tem contribuído para a reprodução de valores hegemônicos em que se busca universalizar determinados sentidos de saúde, corpo, alimentação, homem, mulher, sexualidade, raça, padronizando, não raro, estereótipos sobre o enclausuramento binário: “normal” - “anormal”. Cabe salientar que algumas críticas se referem ao multiculturalismo às quais não tomam como base a polissemia do termo, resultando em argumentos infundados e de certa maneira levianos. Por esse motivo, temos argumentado que o

multiculturalismo pode se referir desde abordagens liberais, nas quais a diferença não é questionada, tampouco as relações assimétricas de poder, onde a cultura é um mero apêndice folclórico, a visões mais críticas em que se valoriza a diversidade cultural, tendo a diferença como alvo de questionamentos, bem como o desafio a preconceitos, estereótipos, discriminação e demais injustiças sociais (ASSIS e CANEN, 2004; CANEN, 2007; RIBEIRO, 2008).

A partir do exposto, que direção tomar ao pensar a formação do professor de Educação Física? Como incorporar ao seu currículo, assim como sua própria formação, inicial e continuada, as questões multiculturais? Até que ponto práticas hegemônicas, já anteriormente descritas, podem ser substituídas por um olhar que dê conta da diversidade cultural? De que forma relacionar essas tensões e desafios à discussão no interior da escola e sua cultura institucional?

Longe de desejar esgotar o assunto, esses amplos questionamentos, amparados no campo teórico do multiculturalismo e/ ou interculturalismo crítico (MCLAREN, 1997, 2000; CANEN, 2007; CANDAU, 2008), podem direcionar pistas na busca de respostas a formas de lidar com a diversidade cultural. Ademais, questiona pretensas visões e valores universais, que não passam de uma universalização de particularismos e suas verdades absolutas, levando em conta o caráter discursivo na constituição do real (BHABHA, 1998). Nesse sentido, configurar-se-ia além de uma ética multicultural, baseada no respeito mútuo, diálogo e no rompimento de privilégios, outra epistemologia na qual contemple formas plurais de ver e conceber o mundo (SEMPRINI, 1999). Tendo em vista o que ficou latente anteriormente, o escopo do atual estudo, concernente ao campo da Educação Física, é analisar pontos e delinear pistas em que a pesquisa multicultural pode torna-se um potencial na formação docente.

Para desenvolver o argumento do que foi salientado, organizei o presente ensaio da seguinte forma: no primeiro momento exponho de maneira mais aprofundada o quadro teórico a que me refiro e de onde analiso as questões. Posteriormente, teço considerações referentes à formação do professor de Educação Física, analisando o potencial da pesquisa multicultural, com destaque para a sua especificidade. Por fim, busco suscitar mais

questionamentos e considerações naquilo que pode se desdobrar em mais trabalhos e pesquisas em áreas de conhecimentos afins, ressaltando um universo tão pouco compreendido na ambiência escolar - o corpo em sua plenitude – numa abordagem multicultural (OLIVEIRA e SILVA, JANOARIO e CANEN, 2007).

Multiculturalismo e educação física: questões e considerações

Como dito na seção introdutória, o multiculturalismo pode significar uma gama de opções, desde visões liberais às mais nevrálgicas, o que resulta críticas infundadas, sem levar em consideração a polissemia do termo. Assim sendo, nessa seção, pretendo delinear uma aproximação com o quadro teórico referente à temática multicultural, ao passo que exponho, sem pretender esgotar o assunto, mas sim ressaltar algumas aproximações com o presente ensaio e o contexto de onde se origina esse debate. Ademais, pretendo adentrar a ambiência escolar, argumentando sobre a relevância das questões trazidas para um lócus historicamente monocultural (CANDAUI, 2008).

Gonçalves e Silva (2006) ressaltam que o multiculturalismo nasce dos movimentos sociais e não no mundo acadêmico. Nesse sentido, revelam a preocupação de atentarmos para além dos currículos, disciplinas e práticas pedagógicas. Outra questão destacada concerne à origem dos referidos movimentos sociais, às quais se relaciona às questões étnico-raciais. Os autores mencionados justificam que a própria história de construção de uma América escravista explica o porquê. No entanto, assinalam que, hoje, outros grupos sociais, tais como as mulheres e os homossexuais, por exemplo, se apropriam e participam ativamente do debate. Segundo os referidos autores, há uma influência da Antropologia que contribuiu com uma grande mudança no entendimento de cultura.

O texto de Gonçalves e Silva (*op. cit.*) se aproxima do pensamento do presente estudo quando destacam a importância dos diversos contextos e significações, igualmente plurais. Traz uma contribuição muito fértil sobre o papel juvenil nessa discussão. Deste modo, focam a arte e sua autoridade fundamental nas ações que enfrentam os atores sociais

e ainda estimulam a produção científica, como um ciclo. De suma importância é também atentarmos, conforme os autores mencionados assinalam, para os diversos entendimentos, desde o campo político ao epistemológico, que travam uma verdadeira batalha nesse jogo de significações que é a diferença.

Em outro momento, Gonçalves e Silva (2003) reescrevem sobre o papel do contexto no multiculturalismo. Chamam a atenção, em especial, para a complexidade na discussão da qual tomam partido sociedades diversas. Consideram, no entanto, os mencionados autores, que as sociedades multiculturais são aquelas que nos informam a respeito da resistência ao caráter etnocêntrico que as caracteriza. Nesse sentido, as sociedades multiculturais, ainda que não seja um bloco homogêneo, são frutos da reação ao etnocentrismo europeu imposto historicamente ao mundo.

Ainda de acordo com os autores aludidos, é importante entender a gênese do termo. Sobre isso, criticam visões pedagógicas que se negam a focar o debate, assim como os embates políticos que os envolvem. Atentam-se ao fato de que as políticas que se relacionam ao multiculturalismo reforçam um determinado corpo teórico muito complexo. Cabendo críticas, nesse contexto, ao caso de determinadas “teorias” entenderem o multiculturalismo como algo “importado” dos EUA. Sobre o assunto, contextualizam através de vários argumentos, exemplos contra o exposto. Chamam, ademais, a atenção aos PCNs, salientando que os mesmos podem somente resultar em mais preconceitos, ou reforçá-los, caso não seja possível a desconstrução de categorias lidas de maneira histórico-sociais. Críticas sobre o caráter contraditório do documento no que se refere à homogeneização-pluralidade cultural também podem ser encontradas no estudo de Canen e Xavier (2005).

Nessa perspectiva, portanto, pensando o caso da Educação Física, não basta trazer à escola conteúdos e práticas que envolvem Capoeira, dança de rua e danças africanas, por exemplo. Far-se-ia necessário trazer a questão de fundo nessas práticas corporais, debatendo com os estudantes o contexto sócio-histórico dessas manifestações. Posso exemplificar essa tensão, a partir de estudos recentemente realizados, em que destaco um projeto que envolveu o *Hip Hop* na escola: ora a identidade escolar o valorizou ora o tratou

dentro das suas normas e regras de homogeneização, o que nos remete ao caráter historicamente monocultural dessa instituição (CANDAU, 2008). Trata-se do momento em que um festival de danças e culturas juvenis fora realizado em uma escola estadual de São Gonçalo – culminância de um projeto de pesquisa-ação e um estudo do tipo etnográfico (RIBEIRO, 2008). Na ocasião, os grafiteiros, rappers e dançarinos (que não eram alunos e alunas da escola) não puderam adentrar ao espaço escolar sem retirar o boné – um bem simbólico para eles, negado pela escola, revelando o momento de homogeneização que corrobora a necessidade da formação continuada de professores e gestores escolares, tal como salienta Xavier (2008). Numa outra tensão observada, indo ao encontro dessa urgência, concerne ao momento em que convidados dos alunos (as) (amigos, irmãos, pais e mães) não puderam entrar na escola temendo que isso resultasse em “confusão”. Quando questionei essa discriminação, disseram-me: “ordem da diretora. Podem sair brigas aqui. Aluno vem buscar aluno”.

Pensando a formação docente do professor de educação física: uma abordagem multicultural

Recorrendo mais uma vez aos estudos de Oliveira e Silva, Janoario e Canen (2007), percebemos que na direção da pluralidade cultural os autores sugerem que a formação do professor de Educação física contemple: um combate à excessiva competitividade na escola, disponibilizando espaços para a cooperação; promover estágios de imersão em culturas, bem como discussões e debates que envolvam danças e ritos; tomar os jogos cooperativos como um instrumental de desafio à exclusão; discutir e proporcionar ações em que se oportunize o diálogo entre aquilo que se considera “minha cultura” com “a cultura do outro”; envolvimento das disciplinas em contato com a perspectiva multicultural; indagar sobre a prática pedagógica realizada; destacar a importância de cada grupo na configuração da sociedade. Assim sendo, busco, nessa seção, através de Canen (2008), discutir e refletir sobre a formação do professor de educação Física numa abordagem multicultural, ressaltando a especificidade dessa área de conhecimento.

A referida autora busca articular a perspectiva de pesquisa multicultural na formação do professor, salientando principais tensões e desafios, assim como potenciais e contribuições para o professor - pesquisador. Uma primeira dimensão a destacar diz respeito à própria configuração e entendimento dos sujeitos como plurais e híbridos. Uma seguinte, os aspectos metodológicos envolvidos. A terceira reportar-se a temas e conteúdos, relacionando ensino e pesquisa. A partir de autores que destacam a importância da pesquisa na formação do professor, André (2001) e Lüdke (2001), com destaque para o professor reflexivo e crítico, sob a perspectiva multicultural, Canen (ibidem) ressalta a relevância de ultrapassarmos alguns desafios: o próprio conceito de pesquisa e a pluralidade da articulação deste com a prática docente, passando por abordagens pretensamente universais de resvalos neopositivistas.

Nesse sentido, a pesquisa, na abordagem multicultural, busca ir de encontro a posturas abstratas, essencialistas e pseudo-universais. Poder-se-ia, dessa forma, ter o alcance da compreensão, por parte dos professores - pesquisadores, do caráter plural que os configuram, ou seja, liberando um potencial para se verem como pesquisadores em ação, pois não há neutralidade, tanto ao fazer pesquisa, quanto no ato de ensinar. Desta feita, atividades esportivas, priorizadas na Educação Física escolar são também resultado de uma seleção, a partir de sujeitos plurais, dotados de identidades de gênero, raça, etnia, orientação sexual etc. Os alunos e alunas não se encontram passivos nesse processo. É o que revela Neira (2008) ao trazer um estudo de caso em que identifica as resistências dos estudantes, em aulas de Educação Física, a esse caráter de fundo desenvolvimentista e assimilacionista cultural. Ou seja, questiona-se um currículo que não contempla a diversidade na medida em que se valoriza o habilidoso, este devendo se enquadrar (perfeitamente) nos padrões impostos, enquanto que os demais, na sua maioria, não raro, são desprezados e até discriminados como os “carentes”.

Tendo em vista o exposto, o presente texto, nos direciona para um questionamento de temas educacionais priorizados em detrimentos de outros, e dos valores, muitas vezes, impostos por uma mídia que dissemina a idéia de que o esporte é uma panacéia que irá

resolver” os problemas sociais, enquanto não informa, tampouco questiona relações de poder dentro desses padrões “civilizatórios”. Não desejo com isso dizer que é a mídia quem determina o que está sendo ensinado, somente que ela tem influência na medida em que, muitos professores e alunos, demandam grande parcela de seu tempo exposto a ela, que configura uma negociação com a produção de sentidos e significados que decorre desse veículo de comunicação (HALL, 1997). Por isso, e não somente, destacamos uma necessidade constante de uma práxis pedagógica em que ação-reflexão seja objeto constante do cotidiano de qualquer área de conhecimento (McLAREN, 1997).

Por outro ângulo, o estudo de Neira (2008) também traz a informação de que pouco se debate e/ ou se revê a forma com a qual conteúdos têm sido trabalhados, tampouco há um retorno para que até mesmo se possa questioná-lo. Salienta-se, nesse momento, o recurso a metodologias plurais de pesquisa que revelam ênfases e omissões nos currículos escolares, destacando de que maneira este interage e atua na formação do professor (CANEN e MOREIRA, 2001). Tais instrumentos, como a pesquisa-ação, estudos de tipo etnográfico, histórias de vida, dentre outros, trarão para discussão o que até então foi destacado, um currículo em ação na Educação Física escolar.

Conforme já ressaltado, Canen (2007) aponta alguns problemas em visões pretensamente universais e o resultado de uma formação em que o foco na pesquisa é baixo e limitado a disciplinas específicas, como Metodologia de pesquisa, geralmente, oferecidas no final de curso, o que não é exceção na Educação Física. Fica de lado, portanto, a dimensão da pesquisa no corpo da formação de professores. Estas, assim como sugere a mencionada autora, a partir de Denzin e Lincoln (2000) podem trazer as histórias de vida, os pertencimentos e a relação pessoal com o campo como algo sempre em construção e que influencia no ato de pesquisar e ensinar. Tensiona-se, nessa trajetória, visões funcionalistas e neopositivistas, abrindo espaços para a diversidade cultural – de professores e alunos, partindo em direções críticas que questionem discursos enviesados pelas relações assimétricas de poder.

As lacunas no campo da Educação Física ao que se refere à formação do professor numa dimensão sociocultural, bem como multicultural, são apontadas em Oliveira e Silva,

Janoario e Canen (2007), conforme já destacado. Nesse contexto, a sensibilidade para a diversidade cultural, de si e dos alunos, enriqueceria essa formação no sentido de problematizar as vozes silenciadas a partir de propostas homogeneizantes. A pluralidade de metodologias, informada anteriormente, pode contribuir para trazer o currículo daqueles que historicamente foram negados em práticas pedagógicas fundamentadas pela visão tecnicista de ensino dessa disciplina. Já a pesquisa-ação poder-se-ia, por exemplo, contribuir na discussão de temas relevantes para a área de conhecimento, preenchendo o vazio concernente à ausência, praticamente, de trabalhos que questionem e/ou trazem à discussão os saberes desenvolvidos na prática da área específica desse professor. Por fim, a incursão de estudos de cunho etnográficos, corrobora o exposto, através da observação sistemática de um cotidiano de uma determinada escola, análise de documentos, como fotos, atas de reuniões, planejamentos, entrevistas, dentre outros, com fins de revelarem as condições de ensino aprendizagem e o currículo em ação da Educação Física, vislumbrando caminhos condizentes com um novo milênio e o caráter multicultural de nossa sociedade (SEMPRINI, 1999; CANEN, 2007; CANDAU, 2008).

Esses são apenas alguns exemplos que ilustro, novamente, sem pretender dar conta e esgotar o assunto, cômico das limitações do presente ensaio, mas que já ressaltam uma perspectiva que contempla a importância da pluralidade cultural dos sujeitos e de suas visões de mundo no ato de ensinar e aprender. Assim, desafia e questiona os argumentos de autoridades presentes em textos, contextos e no currículo, deixando evidenciar os paradigmas e crenças plurais. Por exemplo, algumas questões são relevantes destacar e que podem estar no cotidiano das práticas do professor de Educação Física: o que é saúde? O que é corpo? Quem determina o que devemos ser? Devemos nos espelhar em um atleta? A Educação Física se limita ao esporte? Com que finalidade se pratica o esporte? Por que o esporte tornou-se prioridade na escola? Trabalhar com o esporte só possui o caminho da competitividade? Por que então devemos coadunar com as “famosas” olimpíadas escolares realizadas geralmente no final do ano? Desta forma, a pesquisa multicultural influenciaria positivamente nessa área de conhecimento pela abertura a visões plurais e o desafio a discriminações e demais injustiças sociais.

A Educação Física possui um universo de alternativas a perspectivas esportivizantes e tecnicistas, numa pluralidade de manifestações corporais, assim como linguagens e leituras: artes marciais, dança, jogos (desde o xadrez até os populares) e o próprio esporte. Nesse patamar, os jogos cooperativos (BROTTO, 2001) possuem uma dimensão fundamental na medida em que oportunizam, não só a inclusão, mas todo um debate em torno da estrutura por dentro dela. Ou seja, questionam-se, através deles, os porquês nas relações de gênero, raça, sexualidade etc, num simples jogo de futsal em que os jogadores estejam de mãos dadas. Não seria necessário dizer, talvez, o que uma experiência como essa traria de aprendizagem. No entanto, reforço que esse simples ato retira o foco da vitória e o traz para outro desafio: o relacionamento. Este, muito mais importante, creio, do que obrigar alunos decorarem a medida da quadra ou a medida de uma bola, postura essa adotada, felizmente, por um número cada vez menor de profissionais da área. Por esse viés, quando um time joga *Com* o outro (e não *Contra*), conforme ressalta (BROTTO, 2001), por que não escolhemos grupos pela data de nascimento, iniciais do nome, dentre outras inúmeras possibilidades, ao invés da tradicional seleção por habilidade? Por que as olimpíadas escolares não podem ser cooperativas?

Somando a essa dimensão, Canen (2007) traz também a discussão da identidade institucional e a problematização a tensões que a envolve no que se refere à silenciamentos de vozes plurais em sua ambiência. Da mesma maneira, volta-se a questões tradicionais, tais como o currículo e avaliação, salientando que metodologias plurais de pesquisa ajudariam a vencer o preconceito e a questionar a apreensão do real através da tradução para pesquisas que não levam em conta os paradigmas e as identidades culturais nessas narrativas. Em síntese, a identidade institucional escolar é também uma narrativa, sempre provisória, que pode ser negociada e até mesmo modificada na medida em que se hibridiza com perspectivas que incorporam a dimensão plural do ser humano, bem como a característica eminentemente multicultural das sociedades atuais.

Educação Física escolar e cultura *hip hop*: uma experiência multiculturalmente orientada

Na seguinte seção, do presente estudo, vinculada a pesquisas desenvolvidas anteriormente, retomo algumas considerações e questões que nos remetem à temática discutida no atual ensaio teórico: o papel da pesquisa na formação do professor de Educação Física, tendo como suporte a reflexão em torno da inclusão de aspectos e conteúdos ligados à dança nessa área de conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a dança deve estar nas opções de conteúdos a ser potencializada pela Educação Física e pela Educação Artística, ambas em suas especificidades. O referido documento nos remete à diversidade cultural brasileira quando discorre sobre o tema, sugerindo uma pluralidade de opções que deve ser adaptada a cada contexto (BRASIL, 1998).

Marques (2006) ressalta que os PCNs foram importantes para a dança. No entanto, algumas questões que traz a pesquisadora, nesse contexto, revelam-se pertinentes: estamos preparados para explorar o potencial desse conteúdo? Em que medida na Educação Física escolar a dança não se limitaria ao utilitarismo? Qual o repertório de danças na escola (quais modalidades)? De que forma pensar a dança na escola e ainda os temas emergentes sociais (gênero, raça/ etnia, ética, meio ambiente, o consumo, sexo etc.)?

De acordo com a referida autora, pensando as questões anteriormente destacadas, a dança não se restringe a dançar:

Em suma, os conteúdos específicos da dança são: aspectos e estruturas do aprendizado do movimento (aspectos da coreologia, educação somática e técnica); disciplinas que contextualizem a dança (história, estética, apreciação e crítica, sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia) e possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisação e composição coreográfica) (MARQUES, 2006, p.31).

Esse breve diálogo com a dança estabelece possibilidades de ampliarmos a nossa visão enquanto professores de Educação Física em uma sociedade multicultural em construção. Por que não pensar a dança de forma interdisciplinar e desafiar dicotomias, como por exemplo, corpo e mente? Para tal, necessitar-se-á rompermos barreiras disciplinares. Somado a esse aspecto, os preconceitos ainda persistem em nossa cultura

ocidental. Dentre eles, o receio de trabalhar com o corpo, resultado de uma educação religiosa católica, em que se concebe o corpo como pecado; e o preconceito associado ao gênero masculino, que tende a não dançar por acreditar que assim reduziria a sua virilidade. Como contribuição, nesse sentido, Marques (*op. cit.*) sugere-nos discutir sobre as diversas danças nas quais o homem e a mulher apresentam posturas e relações de gênero diferentes (olodum, dança de salão, de rua etc.), concernentes à concepção multicultural crítica já anteriormente destacada.

Pensando sobre o assunto, as metodologias plurais, dentro do quadro teórico multicultural, podem somar a essas questões do universo da dança, na Educação Física escolar, na medida em que os desafios ressaltados podem resultar em produção de conhecimento a partir da pesquisa-ação, por exemplo. Estudos de cunho etnográfico também merecem menção, salientando experiências de escolas que adotarem a dança dentro de seu projeto político pedagógico. Entrevistas, questionários e análise de documentos, que visem um maior levantamento sobre o assunto, corroboram o exposto.

Nesse horizonte, realizei um estudo de caso, associado a momentos de pesquisa-ação, a partir do qual a dança de rua foi utilizada como conteúdo na Educação Física. A referida pesquisa é componente de minha dissertação de mestrado intitulada *Nós estamos aqui! O Hip Hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentido e leituras de mundo* (RIBEIRO, 2008). Cabe ilustrar algumas considerações a seguir.

Uma maior atenção aos símbolos que nos traziam os alunos (as) fazia, no contexto da escola em que lecionava um convite a difícil realidade vivida por aqueles atores sociais. Essas realidades estão no corpo, logo, na escola e na Educação Física. Não foi difícil perceber o capital cultural incorporado, como diria Bourdieu, a partir daqueles estudantes e de alguns de seus repertórios de movimentos que eles (elas) expressavam – nos corredores, nas salas de aulas e até na quadra de esportes - que remetiam à linguagem *hip hop* e a história sociocultural brasileira. Uma manifestação corporal híbrida que, de acordo com o paradigma do pesquisador ou do observador, se associava à capoeira, à ginga, à dança de rua, dentre outras, nos motivando a construir ações pedagógicas e uma interferência no currículo daquela escola.

Ao tomarmos essa empiria para a reflexão, mergulhamos num mar de tensões que dizem respeito ao atual momento em que vivemos na educação: homogeneização-pluralidade cultural (GABRIEL, 2005; CANEN, 2007). Não me parece obscuro compreender que essa tensão aparece na área específica em que atuamos, professores de Educação Física, no momento em que práticas culturais não-hegemônicas conquistam determinado foco num sistema escolar, tal como a opção que realizamos. Do mesmo modo, grupos que, não raro, têm certa legitimidade na condução das “opções curriculares”, se sentem atingidos pelo fato do rompimento, mesmo que momentâneo, de seus privilégios.

Sobre o assunto, o estudo de caso do tipo etnográfico (LÜDKE, 1983), contribuiu na medida em que como professor-pesquisador eu obtivesse outro patamar sobre o contexto da escola (RIBEIRO, 2008). Por exemplo, quando, no referido estudo, percebi que a opção pela dança de rua, e com o diálogo com o movimento *hip hop*, de maneira mais ampla, introduzia-nos, professor e alunos, num debate sobre discriminação, racismo, desigualdade, preconceito e estereótipos, praticamente escasso na Educação Física (OLIVEIRA e SILVA, JANOARIO e CANEN, 2007).

Já a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1997), possibilitou a mim, e aos estudantes, no transcorrer das práticas pedagógicas, uma possibilidade de interferir numa realidade que identifiquei como hostil para a identidade negra², ao passo que inferências, através da mediação da teoria, resultavam na produção de conhecimento acerca de identidade, cultura, poder e linguagem (RIBEIRO, 2008).

Cabe salientar, todavia, que não é a nossa perspectiva tomar essas considerações como receitas prescritivas para uma área de conhecimento tão rica de possibilidades culturais e pedagógicas. No entanto, a presente trajetória, teórica e empírica, sugere uma tomada de postura profissional que se abre e se enriquece com a diversidade cultural (CANEN, 2007; CANEN, 2008).

Assim como afirmam Oliveira e Silva, Janoario e Canen (2007) essa decisão, em um novo milênio, coaduna com um profissional que não só se preocupa em trazer para a

² Não é incomum na Educação Física escolar escutar frases, ainda hoje, do tipo: “toca a bola macaco”, “isso é coisa de preto”, “pelo menos sou branco”, ou algumas mais “sutis”, mas nem por isso, menos preconceituosas, “os negros são bons de bola”.

escola suas preferências, muitas vezes oriundas de suas habilidades específicas, mas sim de uma apropriação positiva de um universo muito mais amplo do que oferece a hegemonia: Futsal, Voleibol, Handebol e Basquetebol. Nesse sentido, a própria transformação destes esportes pode estabelecer ricos diálogos entre os universos culturais distintos. Dois exemplos emblemáticos estão no Basquete de Rua e no *Street Ball*. Novas pesquisas na área podem explorar, por exemplo: de onde surgem essas propostas transgressoras das regras impostas? Que vozes tomam partido se apropriam e recriam esportes? Seria por interesses de mercado e/ ou uma subversão?

Cabe destacar, entretanto, que embora uma opção metodológica possa desenvolver uma intencionalidade multicultural, a escolha do conteúdo não garantirá esse caminho. Um trabalho com o Futsal, por exemplo, pode trazer uma rica discussão para as relações de gênero, entre os habilidosos e não-habilidosos, raça, padrões de corpo e sexualidade, se houver uma preocupação com a temática multicultural que desafia, como vimos, preconceitos, estereótipos e demais injustiças sociais.

Assim sendo, duas perguntas interessantes a fazer, a partir do exposto, seriam: por que ele, ou ela, não joga no meu time? E ainda: “jogamos *Com* ou jogamos *Contra*?” (BROTTO, 2001). Da mesma forma, poder-se-ia dizer que um determinado caminho pedagógico, ainda que numa diversificação de opções de conteúdos, não garante uma proposta efetivamente multicultural, podendo ser repressora e autoritária, na medida em que traga a pluralidade como imposta e não problematizada – ou seja, significativa aos estudantes em formação.

Interrompendo o fluxo...

Foi o escopo do presente estudo delinear algumas reflexões sobre o papel da pesquisa multicultural na formação do professor de Educação Física. Sem o intuito de esgotar o assunto, cômico que adentrava uma lacuna na produção dessa área de conhecimento, almejei aproximar uma perspectiva educacional, enviesada por uma

epistemologia multicultural, de questões de interesse da especificidade desse professor e do currículo em ação.

Em primeira instância, trouxe uma discussão mais ampla sobre multiculturalismo. A partir disso, salientei o caráter das lutas dos movimentos sociais, oriundos de uma sociedade como um todo, que adentrou a escola, e a academia, gerando tensões que se revertem em ações sobre uma pluralidade de opções e respostas à diferença. A natureza dessas respostas, como destacado no campo da educação, é uma dos entendimentos possíveis do multiculturalismo.

A epistemologia multicultural, trazida para o debate, diz respeito a um rompimento na produção acadêmica em que se fundamentava um pensamento único, pretensamente universal, e a pretensa neutralidade e imunidade do pesquisador ao produzir os saberes. Para esses, bastava um conjunto de métodos e controle para melhor “aprender” o real. Contrariamente, a epistemologia multicultural entende a pesquisa também como uma narrativa, provisória e plural. Desta feita, esse patamar de compreensão refletir-se-á no ato de ensinar e aprender, na medida em que o professor reflexivo crítico se envolve numa práxis pedagógica sobre a qual questionará constantemente o seu currículo em ação. Da mesma forma, entende que ensinar e aprender não são neutros, e que nesse processo, através de uma série de mecanismos, se envolve a construção de identidades.

Em segunda instância, procurei refletir, junto a autores que estão discutindo no campo do multiculturalismo em educação, sobre especificidades da área de conhecimento em questão. Destaquei a pluralidade de opções que se configuram como um universo de possibilidades que é a Educação Física e que podem ter espaços cada vez mais significativos na medida em que, professores e alunos, assim como a identidade escolar, tomarem contato com a realidade de exclusão que é a prática esportiva sobre o viés competitivo. Nesse caso, não só me refiro à exclusão quantitativa de participantes ou não daquela atividade, mas de limitada perspectiva sociocultural e de possibilidades ímpares de mudança nesses comportamentos indesejados: racismo, machismo, sexismo, homofobia, enfim, toda e qualquer forma que se baseia na diferença para reduzir, qualquer que seja, a um patamar inferior.

A partir dessa inferência, foi relevante salientar a participação dos jogos cooperativos junto à pluralidade de metodologia de que hoje dispõem os profissionais: pesquisa-ação, do tipo etnográfico, histórias de vida, entrevistas etc. Através disso, fica latente a possibilidade, na própria sala de aula, ou na quadra, ou até mesmo em outro espaço da escola, revelar e tornar cômico qualquer grupo, a respeito dos problemas que acarretam uma paranóica competição. Falas de alunos não habilidosos, histórias de vida de pessoas marcadas por experiências negativas podem ser proveitosas na medida em que não se revertam em mais preconceitos e estereótipos. Mas, não se trata só de denunciar: a pesquisa-ação pode trazer à luz tensões, possibilidades e caminhos concernentes a currículos de Educação Física multiculturalmente orientados. Igualmente, estudos do tipo etnográficos, auxiliados por instrumentos como análise de documentos, entrevistas e observação de uma proposta nesse sentido.

Em terceiro momento, procurei retomar estudos realizados, em que aproximei a dança de rua da Educação Física escolar, sobre os quais as metodologias da pesquisa-ação e os estudos de cunho etnográfico tiveram um papel fundamental. Destaca-se que a perspectiva adotada poder-se-ia contribuir para a inclusão de conteúdos relevantes como a dança, que não tem hoje a hegemonia. Um universo de estudos e pesquisas se abre a nós professores de Educação Física. Cabe ao currículo universitário, desta e de qualquer outra área de conhecimento, problematizar e desconstruir a histórica concepção de que só existe uma forma de pesquisar, ensinar, aprender, pensar e agir; que tanto custou caro aos positivistas e ainda hoje se reflete nas escolas e aulas de Educação Física em projetos homogeneizantes e atuantes numa desconexão infinita, com raiz nas ilusões da modernidade, presentes nos devaneios de um capitalismo tardio: sociedade-escola multicultural/estudante “empacotado”. Far-se-á necessário (re) ligar o nexo: escola-de-portas-abertas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. D. P. de; CANEN, A. Identidade negra e espaço educacional: Vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 123, p. 709-724, set. / dez. 2004.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. São Paulo: Cepeusp, 2001.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, 395 p.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. e CANDAU, V. M. (org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13- 37.

CANEN, A. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação e política**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

_____. A pesquisa multicultural como eixo na formação docente: potenciais para a discussão da diversidade e das diferenças. **Ensaio: aval. Públi. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 297- 308, abr. / jun. 2008.

_____; OLIVEIRA, A. M. A. de. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v., n. 2, p. 61-74, set. / dez. 2002.

GABRIEL, C. T. A. A identidade (nacional) na berlinda: uma forma possível de entrar no debate em torno da educação intercultural. In: CANDAU, V. M. (org.). **Cultura (s) e educação**: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 39- 72.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

McLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. Trad. Bebel Orofino Shaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Multiculturalismo revolucionário**: pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

NEIRA, M. G. **O currículo da Educação Física frente à diversidade cultural**: um estudo de caso. Caxambu, 31ª Reunião Anual da ANPed, 2008.

RIBEIRO, W. G. **Nós estamos aqui**: o hip hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.



SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999, 178 p.

OLIVEIRA e SILVA, R. C.; JANOARIO, R. S.; CANEN, A. Formação multicultural de professores de Educação Física: produções do novo milênio. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 84- 105, jul. / dez. 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14^a edição. São Paulo: Cortez, 2005.

XAVIER, G. P. M. **Refletindo multiculturalmente sobre a formação continuada de professores e gestores escolares**: produção do conhecimento e perspectivas. Caxambu, 31^a Reunião Anual da ANPEd, 2008.

Recebido em: 07/05/09

Aprovado em: 09/08/09

Contato do autor:

williamgribeiro@yahoo.com.br